

Recebido em abr. 2013

Aprovado em jun. 2013

**COMO SE RELACIONAM O PENSAMENTO E A LINGUAGEM  
COM O MUNDO?  
NOTAS DE LEITURA DO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS***

CÉSAR FERNANDO MEURER \*

**RESUMO**

O artigo expõe a resposta do *Tractatus Logico-Philosophicus* à pergunta do título. Depois de detalhar as concepções tractarianas de *mundo*, de *pensamento* e de *linguagem*, o estudo foca a articulação que confere plausibilidade à teoria correspondentista da verdade de Wittgenstein.

**PALAVRAS-CHAVE**

Pensamento. Mundo. Correspondência. Verdade. Wittgenstein.

**ABSTRACT**

The article exposes the answer of the *Tractatus Logico-Philosophicus* to the question of the title. After detailing the tractarian conceptions of *world*, *thought* and *language*, the study focuses the articulation that confers plausibility to the correspondence theory of truth by Wittgenstein.

**KEYWORDS**

Thought. World. Correspondence. Truth. Wittgenstein.

---

\* Doutorando em Filosofia (UNISINOS). Mestre em Filosofia (UNISINOS). Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUÍ). Atua na UNISINOS, como pesquisador vinculado à linha de pesquisa 'LINGUAGEM, RACIONALIDADE E O DISCURSO DA CIÊNCIA' e ao grupo de pesquisa Social-Brains. Agradecimentos: Grupo de pesquisa Social-Brains, Fapergs e CNPq.



O *Tractatus Logico-Philosophicus* – escrito a partir de anotações feitas nas trincheiras da I Guerra Mundial, da qual o autor participou diretamente, e publicado pela primeira vez em 1921 – é uma das expressões mais sofisticadas da teoria correspondentista da verdade. Falando num tom prosaico, essa teoria prevê que a linguagem pode retratar o real mais ou menos como uma fotografia retrata determinado cenário. Em termos um pouco mais rigorosos: é verdadeira a proposição que corresponde a um fato. Mas o que são fatos? Como individuar fatos? Como aferir a mencionada relação de correspondência? O fato é de algum modo anterior à proposição que o retrata?

Essas interrogações, que se desdobram da pergunta lançada no título, estão no centro dos interesses de Wittgenstein. Debruço-me, aqui, sobre as respostas que ele articula no *Tractatus*.

É importante considerar, de início, que Wittgenstein concebe a filosofia basicamente como lógica e metafísica. Já em *Notes on Logic*, de 1913, ele dizia que “[Philosophy] consists of logic and metaphysics, the former its basis. [...] Philosophy is the doctrine of the logical form of scientific propositions (not primitive propositions only).” (WITTGENSTEIN, 1957, p. 231-232). Essa observação sinaliza a primazia da lógica, tanto na metafísica quanto na filosofia da linguagem. Ora, conceder primazia à lógica na metafísica significa que é possível investigar a estrutura da realidade sem recorrer à experiência. O *Tractatus* foi gestado no

espírito dessa concepção, basicamente como um empenho metafísico.

Wittgenstein entende que pensamento e linguagem se relacionam com o real graças à forma lógica que compartilham. A lógica está na base da metafísica, por um lado, e da linguagem, por outro. De vez que o mundo e a linguagem têm em comum a forma lógica, então ao estudar a estrutura da linguagem tornamos manifestas as características do real.

É deveras interessante que o *Tractatus* começa falando do mundo. A porta de entrada, por assim dizer, é a metafísica. Em seguida Wittgenstein avança para uma teoria da proposição e, por fim, apresenta uma teoria da lógica. A questão é que essa ordem é o inverso da ordem lógica que mencionei no parágrafo anterior. Se estiver certo, então a lógica é condição para a análise da linguagem e esta, por sua vez, fundamenta a concepção de mundo.

A exposição que segue conserva a arquitetura da obra em exame: início com o que aí se lê acerca do mundo. Depois avanço para a concepção de pensamento e, finalmente, trato da linguagem. Esse percurso deve dar evidência para a resposta da questão-título: a linguagem, expressão sensível do pensamento, pode figurar o mundo com verdade.

### **MUNDO, FATOS E OBJETOS**

Iniciemos com os termos elementares da concepção tractariana de mundo. Para tanto, tomemos o seguinte corpo de proposições<sup>1</sup> como ponto de partida:

---

<sup>1</sup> Cito o *Tractatus* pelo número da proposição.

1 O mundo é tudo o que ocorre.

2 O que ocorre, o fato, é o subsistir dos estados de coisas.

2.01 O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas).

2.02 O objeto é simples.

2.0271 O objeto é fixo, o subsistente; a configuração é o mutável, o instável.

2.0272 A configuração dos objetos forma o estado de coisas.

Expresso está que o mundo é constituído de objetos simples e subsistentes que se ligam uns aos outros de modo instável. Wittgenstein chama a ligação de objetos de ‘estado de coisas’. Um estado de coisas, seja qual for, tem certa configuração que diz respeito ao modo como as coisas se ligam entre si.

‘Fato’ designa, nessa doutrina, algo objetivo e subsistente, porém não fixo. O contraste entre ‘objeto’ e ‘fato’ é justamente esse: ambos são objetivos e subsistentes, mas apenas o primeiro é estável, ao passo que o segundo é instável.

A subsistência do mundo – isto é, dos objetos e dos estados de coisas – não requer o pensamento. O mundo, em seus componentes estáveis e instáveis, subsiste para além do que pensamos dele.

Estes são os traços básicos da ontologia tractariana: componentes estáveis (coisas) e instáveis (estados de coisas). Os componentes estáveis – a substância subjacente do mundo (2.021) – participam dos componentes instáveis.

O que diferencia fatos de estados de coisas? A proposição (2) apresenta essa distinção. Se pensarmos nos estados de coisas como situações possíveis que subsistem ou não (que ocorrem ou não), então podemos denominar ‘fatos’ àquelas que subsistem. Essa interpretação sinaliza que os estados de coisas são independentes uns dos outros, ao que se pode acrescentar: “A subsistência e a não subsistência dos estados de coisas é a realidade” (2.06).

Pensemos nos estados de coisas que subsistem. A eles Wittgenstein chama ‘fatos’. É um fato que a chuva ocasionou deslizamentos na região serrana do Rio de Janeiro. Havia outras possibilidades de essas coisas (objetos) se ligarem. Subsistiu essa. As coisas que participam desse estado de coisas – a chuva, os deslizamentos,... – podem aparecer em inúmeras outras situações. “Cada coisa está como num espaço de estados de coisas possíveis” (2.013).

Uma palavra mais sobre a substância do mundo – aquilo que é simples, fixo e subsistente –, os objetos. No entendimento de Wittgenstein, “é essencial para a coisa poder ser parte constituinte de um estado de coisas” (2.011). Interpreto que essa afirmação é mais epistemológica do que ontológica, no sentido de que a possibilidade de conhecer uma coisa requer um estado de coisas. Essa interpretação está apoiada em (2.0121), onde se lê que “não podemos pensar *nenhum* objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros”. Ser pensável não é aqui condição de existência. A existência do objeto, este visto como substância, é anterior a qualquer estado de coisas determinado e, por isso

mesmo, possibilidade de ser constituinte de diversos estados de coisas. A noção de figuração, que discutirei mais adiante, é esclarecedora para essa questão.

#### ● PENSAMENTO

Glock (1998, p. 26), ao comentar a natureza da filosofia defendida no *Tractatus*, afirma que “para Wittgenstein, a filosofia ou a lógica ocupam-se do pensamento, pelo fato de refletirem sobre a natureza da representação, já que é no pensamento que representamos a realidade”. Com essa observação, nossa atenção se volta para a seguinte questão: o que o *Tractatus* afirma acerca do pensamento? As afirmações principais são as seguintes:

2.1 Fazemo-nos figurações dos fatos.

2.11 A figuração apresenta a situação no espaço lógico, a subsistência e a não subsistência de estados de coisas.

2.12 A figuração é um modelo da realidade.

2.13 Na figuração, seus elementos correspondem aos objetos.

2.15 Os elementos da figuração estando uns em relação aos outros de um modo determinado, isto representa as coisas estando umas em relação às outras. Esta vinculação dos elementos da figuração chama-se sua estrutura e a possibilidade dela, sua forma de afiguração.

2.1511 A figuração enlaça-se com a realidade; *deste modo*: estendendo-se para ela.

2.1512 É como padrão de medida que se aplica à realidade.

2.15121 Somente os pontos mais exteriores das linhas divisórias *tocam* o objeto a ser medido.

2.174 A figuração não pode, porém, colocar-se fora de sua forma de representação.

2.18 O que cada figuração, de forma qualquer, deve sempre ter em comum com a realidade para poder afigurá-la em geral – correta e falsamente – é a forma lógica, isto é, a forma da realidade.

2.2 A figuração tem em comum com o afigurado a forma lógica da figuração.

2.221 O que a figuração representa é o seu sentido.

3 Pensamento é a figuração lógica dos fatos.

Dessa seleção de proposições, (3) é a mais importante. Pensar é fazer figurações dos fatos. Fatos, a discussão da sessão anterior já esclareceu, são estados de coisas que subsistem; que acontecem. As noções centrais, nesses excertos relativos à concepção de pensamento, são: figuração, espaço lógico e forma lógica.

Começemos com a noção de figuração. Para seguir a terminologia do autor (é difícil apreender a doutrina sem atentar para isso), vejamos (2.2): temos, por um lado, a figuração e, por outro, o afigurado. O afigurado designa justamente o mundo. O que o pensamento tem em comum com o mundo (ou melhor, com uma parte do mundo – um fato), que funciona como *enlace*, é a forma lógica. Quer isso significar que o pensamento é uma espécie de refém do mundo, no sentido de dizer que só o que existe é pensável? A



resposta para essa questão é não. Por um lado, o pensamento não pode ser condição de existência do objeto, pois voltaríamos a uma versão de idealismo. Por outro lado, o pensamento não pode ficar derradeiramente dependente do mundo, no sentido de sermos capazes de pensar apenas o que há. Seria melhor dizer que o pensamento segue regras lógicas. Se voltarmos uma vez mais para (2.0121), onde se lê que “não podemos pensar *nenhum* objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros”, seremos levados a dizer que pensar num objeto qualquer já é, de imediato, apresentar o espaço lógico. O objeto é pensável na sua ligação com outros e essa ligação, ou estado de coisas, é sempre lógica. Por outras palavras: pensamos em inúmeros estados de coisas, subsistentes ou não. O que todos os estados de coisas têm em comum, sempre, é que a ligação que aí acontece é lógica. Por isso ela é pensável. Nas palavras de Carmo (2008, p. 56), “a lógica não representa nada, mas é o que torna possível a representação. A lógica, portanto, não pertence ao domínio do que pode ser *dito*, mas, sim, ao domínio do que é *mostrado*”.

As possibilidades de ligação de um objeto com outros (estados de coisas) compõem o espaço lógico. Por isso “a figuração apresenta no espaço lógico” (2.11). Uma figuração é, pois, um complexo lógico em um espaço lógico. O que está fora do espaço lógico não se afigura como complexo lógico e, por isso, não pode ser pensado.

Podemos pensar o que quisermos, mas sempre seguiremos a lógica de ligar certo(s) objeto(s) com outro(s). Mesmo um mundo imaginário muito

diferente deste que experimentamos sensivelmente terá em comum com este a forma lógica (2.18). A forma lógica, ela mesma, porém, nos escapa. Como observa Stein (1994, p. 28) “a forma lógica não pode ser representada ou afigurada; e isto se deve a que ela não constitui um estado de coisas, ela não faz parte da realidade”. Com essa observação chegamos aos limites da linguagem, que são limites lógicos.

Qual é a relação entre pensamento e verdade? A consideração mais óbvia consiste em dizer que podemos pensar de modo verdadeiro e de modo falso. Pensar de modo verdadeiro é fazer uma figuração tal que seja a figuração de um fato. Fato, já dissemos, é um estado de coisas que subsiste. O acréscimo que desejo fazer a essa definição, parcialmente subentendido até aqui, é: fato é um estado de coisas que subsiste independente de ser pensado ou não. É um fato que a chuva ocasionou deslizamentos. Em pensamento, faço uma figuração que corresponde a esse complexo genuíno e independente. Em (2.13) fica claro que a figuração toca a realidade quando os seus elementos correspondem aos elementos do afigurado. Melhor dizendo, a forma da figuração corresponde à forma do afigurado. Uma vez que um estado de coisas é justamente uma determinada relação de coisas umas em relação às outras, os elementos da figuração retratam essa determinada relação. Quer dizer, figuração e afiguração possuem a mesma forma – vinculam as coisas do mesmo modo.

Resta, para concluir esse tópico, dissipar a interpretação segundo a qual o pensamento é uma entidade mental. Pauto-me novamente em Glock

(1998, p. 26): “os pensamentos não são entidades mentais ou abstratas, mas sim proposições, sentenças que foram projetadas sobre a realidade, podendo, portanto, ser completamente expressas na linguagem”. Esse é o degrau que permite a passagem para a próxima sessão, onde abordo a concepção tractariana de linguagem.

### **A LINGUAGEM**

A concepção tractariana de linguagem ganha corpo nas seguintes proposições:

3.1 Na proposição, o pensamento se exprime sensível e perceptivelmente.

3.14 O signo proposicional consiste em que seus elementos, as palavras, estão relacionados uns aos outros de maneira determinada. O signo proposicional é um fato.

3.2 Nas proposições os pensamentos podem ser expressos de tal modo que aos objetos dos pensamentos correspondam elementos do signo proposicional.

3.202 Os signos simples empregados nas proposições são chamados nomes.

3.203 O nome denota o objeto. O objeto é sua denotação. (“A” é o mesmo signo que “A”).

3.3 Só a proposição possui sentido; só em conexão com a proposição um nome tem denotação.

4 O pensamento é a proposição significativa.

Desse corpo de excertos pode-se inferir que a linguagem é expressão linguística do pensamento. Em

(3.1) lemos que essa expressão é sensível e perceptível. Quer dizer: a linguagem, diferente do pensamento, se faz notar sensivelmente. Qualquer pensamento pode ser expresso na linguagem, justamente porque possui estrutura proposicional. Ademais, a expressão linguística preserva a correspondência do figurado com o afigurado, antes comentada. As palavras, elementos das proposições (signos proposicionais), correspondem aos objetos dos pensamentos.

Os signos mais simples da linguagem, os nomes, denotam objetos. Esse, no entanto, é o caso somente quando o nome está em uma proposição. Por si, à parte da proposição, a palavra nada denota. Temos então uma significativa equivalência entre objetos e nomes. “Assim como é característica essencial do objeto que este esteja em combinação com outros objetos, é característica essencial do nome que ele esteja em relação com outros para poder exercer a sua função principal de denotar um objeto” (STEIN, 1994, p. 31).

O ponto a ser sublinhado é que as proposições podem ser analisadas em seus elementos constituintes. Essa análise termina por mostrar que a linguagem tem uma forma lógica que tende a ter a forma da realidade. Muitas vezes esse aspecto é caracterizado como relação isomórfica, entendendo-se com essa expressão que a estrutura da linguagem e a estrutura da realidade se identificam e que, por isso, aquela pode representar esta (GLOCK, 1998).

A mencionada análise deve chegar ao nível atômico, no qual a verdade da proposição elementar, que é logicamente independente das demais, depende

exclusivamente da existência ou não de certo fato atômico. A verificação, nesse nível, depende derradeiramente dos nomes. O nome, conforme a posição que ocupa na proposição, confere o suporte que a proposição necessita para ser verdadeira. Tenhamos em conta uma vez mais o que se lê em (3.3): “só em conexão com a proposição um nome tem denotação”. Com essa posição “Wittgenstein supera com Frege [autor da tese da prioridade da frase] a concepção da linguagem composta de elementos independentes. [...] o sentido das frases não é fruto da associação da significação das palavras nelas contidas” (OLIVEIRA, 2001, p. 96-97).

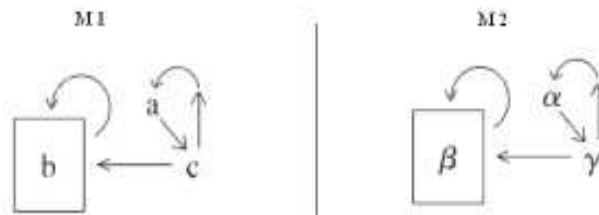
Ao tratar do enlace essencial da lógica da representação com a lógica do mundo, Wittgenstein afirma que “pertence à figuração a forma afigurante que precisamente a torna figuração” (2.1513). O termo a ser compreendido aqui é ‘forma afigurante’, o que é alcançado no que o autor diz na sequência: “a relação afigurante consiste nas coordenações dos elementos da figuração e das coisas” (2.1514) e que “estas coordenações são, por assim dizer, antenas dos elementos da figuração, com as quais esta toca a realidade” (2.1515). Stein (1994) interpreta que as referidas antenas são justamente os nomes próprios. Cabe a eles fazer a ligação, o enlace, da figuração (pensamento; proposição; sentença) com a realidade.

À luz de (2.1514) podemos pensar a correspondência como coordenação de elementos: por um lado as coisas; por outro os constituintes da figuração. Oliveira (2001, p. 103), ao detalhar essa coordenação de elementos, lança mão da expressão ‘figuração isomórfica’, entendendo com ela aquelas

figurações que cumprem dois requisitos: identidade categorial e de estrutura externa. Essa dupla requisição é central para se falar da verdade: somente as figurações verdadeiras são isomórficas. Vamos detalhar esse entendimento.

O que é identidade categorial? O que é estrutura externa? Qual é a relação de uma com a outra e com a verdade? Para explicitar essas noções, sigo a linha de argumentação de Oliveira (2001, p. 102-105), com algumas diferenças nos exemplos.

Tomemos dois modelos de mundo de campos diferentes, M1 e M2, assim constituídos (OLIVEIRA, 2001, p. 102-103):



*Quanto aos objetos e nomes:* em M1 temos os nomes “a”, “b”, “c”, e os correspondentes ontológicos  $a$ ,  $b$ ,  $c$ . Em M2 os nomes são “ $\alpha$ ”, “ $\beta$ ”, “ $\gamma$ ”, que referem  $\alpha$ ,  $\beta$ ,  $\gamma$ .

*Quanto aos predicados:* em M1 temos um predicado monádico (propriedade) F, e um predicado diádico (relação) R. Em M2 temos um predicado monádico G, e um predicado diádico T.

Observados os nomes e os predicados, a constatação é que “há uma *coincidência formal* nas constantes; ambos

os mundos têm três indivíduos, um predicado monádico e um predicado diádico” (OLIVEIRA, 2001, p. 103). As constantes de M1 podem ser coordenadas com as de M2: a, b, c se deixam coordenar com  $\alpha$ ,  $\beta$ ,  $\gamma$ ; F com G; R com R. “A condição de possibilidade de tal coordenação é a identidade interna [...] ambos [os modelos] possuem a mesma estrutura interna, [...] a mesma estrutura categorial” (OLIVEIRA, 2001, p. 103).

*Quanto aos fatos atômicos.* Em M1 temos Rac, Rca, Rcb, Fb. Em M2 temos  $R\alpha\gamma$ ,  $R\gamma\alpha$ ,  $R\gamma\beta$ ,  $G\beta$ . (Na imagem, as setas indicam R e os retângulos indicam F e G, em cada caso.)

Considerando a coordenação das constantes, da qual se inferiu identidade da estrutura interna, podemos notar agora que os predicados são atribuídos aos mesmos indivíduos (que se correspondem na coordenação antes constatada). Assim,

[...] além da idêntica estrutura interna se realiza também a identidade da estrutura externa. A identidade da estrutura externa pressupõe a identidade da estrutura interna. Ora, o isomorfismo nada mais é do que essa *identidade estrutural*, no caso entre dois mundos diversos, e M2 pode ser considerado uma figuração isomórfica de M1. Dizer que entre M1 e M2 há uma figuração isomórfica significa dizer que há uma identidade de estrutura. O isomorfismo é, pois, uma relação entre relações (OLIVEIRA, 2001, p. 103).

Penso que esse comentário toca o núcleo da teoria correspondentista do *Tractatus*. Nos termos do pesquisador brasileiro, a palavra chave é ‘identidade’.

O isomorfismo requer identidade interna e externa. A identidade interna precede a externa e é condição necessária para esta. Quando há identidade interna e externa se diz que há identidade estrutural ou figuração isomórfica. Nos modelos M1 e M2 que analisamos há figuração isomórfica.<sup>2</sup>

Até aqui, o exemplo envolvendo M1 e M2 pode ter parecido um pouco artificial. Essa impressão não se mantém quando a figuração isomórfica, nele detalhada, é relacionada de modo mais explícito com a relação Mundo-Pensamento do *Tractatus*. É o que Oliveira faz ao sugerir que “M1 significa o mundo real, [e] M2 seria o mundo dos pensamentos certos a respeito da realidade” (2001, p. 104). Com isso, alcançamos um novo patamar de clareza na compreensão dos diversos aspectos da questão. Já vimos que a estrutura do mundo se mostra nos fatos, que podem ser analisados. Resulta oportuno voltar ao *Tractatus* e observar que “Na figuração, seus elementos correspondem aos objetos” (2.13) e que “Os elementos da figuração substituem nela os objetos” (2.131). É o que se cumpriu em M2, em relação a M1. É o que se cumpre em figurações verdadeiras – as que são isomórficas.

O leitor que me acompanhou até aqui já notou que figuração e verdade não são equivalentes. Fazemos figuras do mundo, mas nem todas são isomórficas. Wittgenstein explica que (4) “O pensamento é a

---

<sup>2</sup> O termo ‘identidade’ costuma ser usado em sentido ontológico (toda coisa é igual a ela mesma) ou em sentido lógico (p se e somente se p). A expressão ‘identidade estrutural’, usada por Oliveira, parece imprecisa à luz da tradição. A questão, de qualquer forma, é a assim chamada coincidência ou coordenação interna e externa.



proposição significativa”. Cabe enfatizar agora que nem todo pensamento significativo é verdadeiro. Em outras palavras: pensamentos falsos também são significativos. A falsidade, segundo o autor, pressupõe uma figuração e esta, já ficou claro, requer identidade de estrutura interna.

A identidade de estrutura interna se cumpre tanto em figurações verdadeiras (isomórficas) quanto em figurações falsas. Um pensamento falso é uma figuração falsa. Uma figuração falsa é uma figuração sem identidade de estrutura externa. E nos casos em que “não há nem identidade de estrutura interna, então não há propriamente um pensamento, mas apenas disparate” (OLIVEIRA, 2001, p. 105).

O esquema a seguir, baseado em Oliveira (2001, p. 106), mostra as possibilidades que estão em jogo no que vem sendo dito da relação Proposição-Fato. As linhas horizontais e os números da esquerda são acréscimos meus, para identificar o que a seguir será chamado Passo 1, Passo 2 e Passo 3.



Para interpretar o esquema partimos de M1 e M2. M1 designa um fato qualquer (a realidade; o afigurado). M2 designa um candidato a correspondente linguístico de M1. A análise segue para os elementos constituintes de M1 e M2. O objetivo, por assim dizer, é saber se o candidato a correspondente linguístico atende o que se requisita para a verdade.

*Passo 1:* verificar a estrutura interna entre o candidato a correspondente linguístico e o fato.

*Passo 2:* sendo a estrutura interna igual, conclui-se que há figuração. (2.21) “A figuração concorda ou não com a realidade, é correta ou incorreta, verdadeira ou falsa”. Sendo diferente, não há figuração – há um disparate, uma tolice, um absurdo.

*Passo 3:* confirmada a estrutura interna, verifica-se a estrutura externa. Sendo também a estrutura externa igual, conclui-se que a figuração é verdadeira (isomorfismo; pensamento verdadeiro). Havendo diferença de estrutura externa, conclui-se que a figuração é falsa (pensamento falso).

A figuração é verdadeira quando ela representa um fato. O fato, a estrutura do mundo, é o critério mediante o qual se distingue figuração verdadeira de falsa. É o que o autor diz em “Não é possível reconhecer apenas pela figuração se ela é verdadeira ou falsa” (2.224) e “Para reconhecer se uma figuração é verdadeira ou falsa devemos compará-la com a realidade” (2.225).

A figuração é falsa quando ela não representa um fato, mas apenas um estado de coisas possível. Segundo Oliveira (2001, p. 107), Wittgenstein chama

um estado de coisas possível de ‘sentido’ em “O que a figuração representa é o seu sentido” (2.221). O sentido concorda ou não com a realidade e na concordância reside a verdade. Nas palavras do autor: “Na concordância ou na discordância de seu sentido com a realidade consiste sua verdade ou sua falsidade” (2.222).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo do presente trabalho, de responder a questão-título ‘Como se relacionam o pensamento e a linguagem com o mundo?’, levou-nos a examinar o que o autor do *Tractatus* afirma acerca do mundo, do pensamento e da linguagem. Esse percurso deu evidência para a tese fundamental de Wittgenstein: a linguagem, expressão sensível do pensamento, pode figurar o mundo com verdade. Uma figuração é verdadeira, a última seção mostrou, quando ela representa um fato. Por conta da centralidade da noção de figuração, a doutrina tractariana é às vezes chamada teoria da figuração. Figuração, nesse caso, é o equivalente português de *picture* – donde também teoria pictórica – e do original *Bild*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMO, J. S. Linguagem e ontologia: sobre a “estrutura do mundo” no *Tractatus Logico-Philosophicus*. *Intuitio*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 52-62, 2008.

GLOCK, H-J. Esboço de uma biografia intelectual. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 21-38.

OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

STEIN, S. I. A. O tratamento da referência no *Tractatus*. *Fragmentos de cultura*. Goiânia, v. 04, n. 08, p. 21-33, 1994.

WITTGENSTEIN, L. Notes on logic. *The Journal of Philosophy*, v. 54, n. 9, p. 230-245, 1957.

\_\_\_\_\_. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução e apresentação: José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1968.